



Comunidade Rural Noiva Do Cordeiro: Estruturas De Um Sistema Baseado Em Vínculos Econômicos Substantivos

Autoria

Luiz Paulo Rigueira de Moraes - lprmora@gmail.com

Wescley Silva Xavier - wescleysxavier@yahoo.com.br

Prog de Pós-Grad em Admin - PPG-ADM/UFV - Universidade Federal de Viçosa

daniel calbino Pinheiro - dcalbino@yahoo.com.br

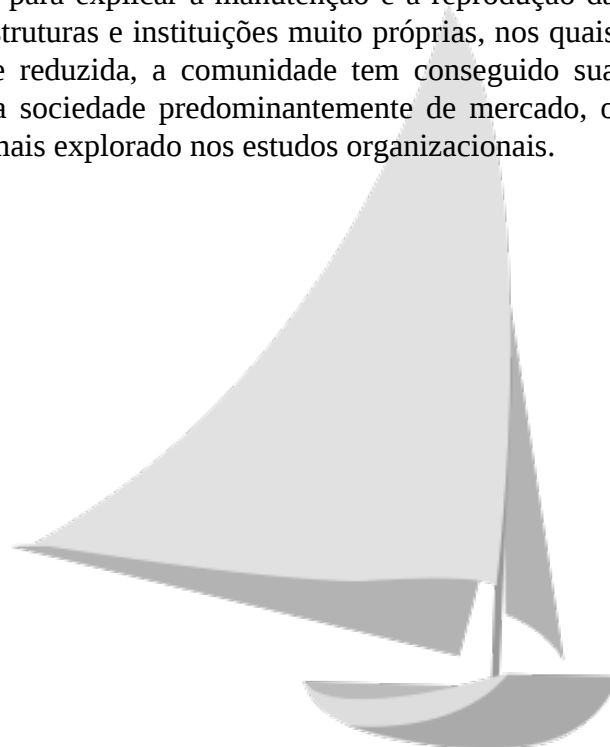
Centro de Pós-Grad e Pesq em Admin / CEPEAD/UFMG

Agradecimentos

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Resumo

Nesse artigo analisamos a formação e manutenção do sistema observado na comunidade Noiva do Cordeiro-MG, assim como sua interação com as dinâmicas capitalistas na organização social e produtiva da comunidade. Com base em uma etnográfica desenvolvida junto à comunidade rural foi possível evidenciar a existência de um sistema econômico baseado no vínculo comunitário e na busca por um bem estar coletivo. O reconhecimento no trabalho, a construção de uma base produtiva e intelectual e os aspectos da dívida nas relações produtivas foram pontos de análise para explicar a manutenção e a reprodução da lógica comunitária. Através de princípios, estruturas e instituições muito próprias, nos quais o dinheiro atua em uma dimensão bastante reduzida, a comunidade tem conseguido sua sobrevivência, mesmo que inserida em uma sociedade predominantemente de mercado, o que se mostra como um caso singular, a ser mais explorado nos estudos organizacionais.





Comunidade Rural Noiva Do Cordeiro: Estruturas De Um Sistema Baseado Em Vínculos Econômicos Substantivos

Resumo: Nesse artigo analisamos a formação e manutenção do sistema observado na comunidade Noiva do Cordeiro-MG, assim como sua interação com as dinâmicas capitalistas na organização social e produtiva da comunidade. Com base em uma etnográfica desenvolvida junto à comunidade rural foi possível evidenciar a existência de um sistema econômico baseado no vínculo comunitário e na busca por um bem estar coletivo. O reconhecimento no trabalho, a construção de uma base produtiva e intelectual e os aspectos da dívida nas relações produtivas foram pontos de análise para explicar a manutenção e a reprodução da lógica comunitária. Através de princípios, estruturas e instituições muito próprias, nos quais o dinheiro atua em uma dimensão bastante reduzida, a comunidade tem conseguido sua sobrevivência, mesmo que inserida em uma sociedade predominantemente de mercado, o que se mostra como um caso singular, a ser mais explorado nos estudos organizacionais.

Palavras-Chave: Modos produtivos; Sistemas econômicos alternativos; Comunidade rural Noiva do Cordeiro.

1. Introdução

A busca por modelos de organização social alternativos ao capitalismo tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, sobretudo nas investigações de organizações solidárias. Parte significativa dos trabalhos apresenta como principal obstáculo a impossibilidade de uma existência para além do controle do Estado (Scott, 2010) e da própria lógica da economia capitalista (Federici, 2012), sendo essas basilares para a constituição social.

Na Economia Mercantil, as experiências alternativas que se inserem e muitas vezes buscam negar, se mostram com uma grande tensão no plano empírico. O capitalismo, ao impor suas estruturas e instituições, faz com que a necessidade por mercados por fornecedores, por investimentos, aos poucos mostra um preço a ser pago. Nesses momentos, a lógica capitalista acaba por se reproduzir em meio às organizações solidárias que por vezes perdem sua essência, se estagnam ou até mesmo deixam de existir.

No entanto, para Polanyi (2012) esta forma clássica de se encarar a economia é apenas uma das formas possíveis, abrindo espaço para um novo entendimento sobre as relações econômicas. O autor esclarece que o papel das instituições contemporâneas na priorização dos nossos movimentos e operações de troca, influencia diretamente o comportamento social, o que ilustra o sentido a-histórico de se analisar a economia enquanto um fenômeno social. As motivações econômicas individuais só fariam sentido dentro de ambientes institucionais próprios que permitissem um comportamento economicamente motivado, contrariando a ideia da motivação intrínseca ao indivíduo e movida pelo ganho, e reforçando a importância de tais instituições nas sociedades (Polanyi, 2000). Da mesma forma, Mauss (1988) destaca que os sistemas baseados majoritariamente em movimentos de integração, pautados na reciprocidade, registram diferenças de comportamentos e condutas em comparação às tradicionais economias de mercado.

Um exemplo empírico na realidade brasileira é a existência da comunidade Noiva do Cordeiro que chama a atenção por sua forma única de organização social e produção. Repleta de especificidades e uma série de desventuras que remontam sua origem em 1891, a organização ilustra a construção de um novo sistema econômico, que passou a operar produtivamente através do associativismo produtivo, e politicamente através da organização e mobilização dos membros, investindo principalmente na manutenção de seus valores, instituições e formas de comportamento.

Recobrando o sentido alternativo das formas de economia, pretendemos tratar da estrutura social que sustenta um modo de produção e de vida substantivo, que incorpora a



vida social de uma maneira geral. Nesse artigo temos por objetivo analisar a formação e manutenção do sistema observado na comunidade Noiva do Cordeiro, assim como sua interação com as dinâmicas capitalistas na organização social e produtiva da comunidade.

2. Ascensão do mercado e Economia Substantiva em Karl Polanyi

Segundo Polanyi (2000), antes da Primeira Revolução Industrial o mercado era somente uma parte das relações sociais, um dos mecanismos de organização das sociedades. O autor explica que o comércio era uma instituição muito mais antiga que o mercado e que naquela época, apenas mercadores e banqueiros utilizavam dinheiro regularmente, de forma que a maior parte da economia era rural e desprovida de comércio. A vida econômica estava inserida na organização social e política da sociedade e havia muito espaço para transações econômicas não financeiras, além disso, os atos ocasionais de troca chegavam a ser desestimulados por representar um perigo à solidariedade, totalmente protegida pelos costumes e tradições.

Com o passar do tempo, no entanto, o comércio passou a se infiltrar na vida cotidiana. Contudo, não seria possível o surgimento de uma economia de mercado sem os desdobramentos institucionais implantados para esse fim. Duas teriam sido as transformações mais importantes que possibilitaram essa emergência dos mercados. A primeira delas foi à intensificação do comércio exterior nos mercados, pois dessa forma, se perderam os mecanismos locais de estabilização dos preços, tornando esses mercados locais reféns das flutuações dos preços nos mercados centrais. O segundo fator de contribuição foram as inovações observadas na tratativa com os meios de produção, através da criação de mercados de preços flutuantes para regular as relações de preço do trabalho e da terra, elementos que antes não eram considerados como mercadorias (Polanyi, 2012).

Dessa forma, reduzir a economia estritamente aos fenômenos de mercado significa eliminar a maior parte da história humana. Ademais, ampliar o conceito de mercado para fazê-lo abarcar todo o âmbito econômico consiste em atribuir ao próprio mercado, relações sociais que seus conceitos não dão conta de explicar, prejudicando a clareza das análises. Apesar da clara distinção entre os aspectos da economia humana da economia de mercado, as circunstâncias históricas fizeram com que estes dois conceitos se fundissem em meio às sociedades modernas (Machado, 2012).

Em contraponto, Polanyi (2012) lança mão de outro significado, denominado economia substantiva, com uma nova forma de se entender o processo de intercâmbio entre indivíduos em busca de sustento e sobrevivência, e a maneira pela qual os indivíduos buscam satisfazer suas necessidades. Enquanto a economia formal considera que as estruturas e instituições das economias de mercado e da economia em geral resultam de uma propensão natural do homem de se comercializar e trocar, a economia substantiva considera que são as instituições e as estruturas de apoio que estimulam as formas pelas quais o homem interage social e economicamente.

A organização básica que permite a integração econômica e sua validação provém da esfera social e das instituições presentes e construídas nela. Na economia substantiva as economias são agrupadas de acordo com a forma de integração econômica dominante em cada uma, sendo que as formas de integração são maneiras de se designar e classificar os principais movimentos de troca, de localização e de apropriação, institucionalizados em uma sociedade. Elas são os conectores do processo econômico, envolvendo desde a busca por materiais de produção até a distribuição final dessa produção (machado, 2009).

São três as formas mais frequentes de integração: (1) a reciprocidade; (2) a Redistribuição; e (3) a Troca. O movimento de reciprocidade faz referência à circulação de produtos através do movimento de bens dentro de um círculo comunitário, seja ele impulsionado por graus de parentesco, amizade ou envolvimento associativo para fins produtivos. O segundo movimento, de redistribuição, descreve o movimento natural de centralização produtiva para posterior distribuição, verificada através da divisão do trabalho,



dos impostos e da assistência social. Por fim, o terceiro movimento, o da troca, também conhecido como “domesticidade”, descreve a circulação de bens entre diferentes pontos dos sistemas sociais e é um padrão influenciado pelo interesse do ganho e normalmente praticado nas estruturas de mercado (Schneider & Escher, 2011).

3. Geração de vínculos e as prestações de dádivas em Marcel Mauss

As motivações para trocas em sociedades não capitalistas também foram objetos de estudo de Marcel Mauss, particularmente o caráter voluntário da ação livre, de retribuição obrigatória. A Sociologia da Dádiva, segundo Mauss (1981), considera os aspectos da obrigação e do interesse, mas também os da liberdade, da amizade, e outros relacionais da sociedade. De um modo mais amplo, a abordagem da dádiva nos permite abrir outra janela para compreendermos como a trocas refletem e recriam pessoas e relações sociais, bem como reconfigura a própria compreensão social da natureza de alguns objetos (Carrier, 1991).

O estudo concreto da vida social permite reconhecer, analisar e inferir sobre diversos aspectos de uma sociedade, suas motivações estéticas, morais, religiosas, que formam uma sociedade e que constituem a vida coletiva. Não se trata do estudo do direito e das normas, nem de comportamentos ideais, mas de homens e de grupos de homens que formam a sociedade, envolvendo a análise dos sentimentos que agem a toda parte. Os fatos analisados na construção dos conhecimentos sobre o sistema de dádivas derivam de fatos sociais totais, ou seja, analisados em sua integralidade (Mauss, 1988).

Martins (2005) ainda descreve a sociologia da dádiva como inspirada no movimento da vida, aportando uma grande diversidade de lógicas, que prioriza em sua construção o vínculo social e foca na intensidade das relações. Mauss (1988) destaca que nas economias e nos direitos que precederam os nossos, não se observam trocas de bens, de riquezas e de produtos no decurso de um mercado regulador. O que se via eram coletividades que se obrigavam e contratavam mutuamente segundo suas necessidades de subsistência. Além disso, as trocas executadas nessas sociedades não eram exclusivamente de bens e riquezas ou úteis economicamente. Sobretudo, envolviam a troca de presentes, as amabilidades, os ritos, as danças, fazendo com que o mercado de bens materiais fosse somente um dos termos de um contrato social, muito mais geral e muito mais permanente que as transações comerciais.

As dádivas seriam o conjunto das coisas, materiais e imateriais, que quando transmitidas, carregariam consigo a obrigatoriedade de retribuição, não necessariamente imediata ou equivalente, mas em forma de novas dádivas que fariam com que o sistema circulasse com melhor fluidez, baseando-se nos vínculos que daí se formariam na sociedade (Mauss, 1988). Partindo para uma conceituação mais didática, a dádiva poderia ser definida como tudo o que circula na sociedade em prol de um laço social (Godbout, 1998). Elder-Vass (2015) vai além quando remete à dádiva, recobrando que a mesma pode estar presente em um conjunto de relações das quais não se espera reciprocidade, como a família, bem como auxiliar a manutenção de status a depender do atributo da dádiva, ou mesmo fortalecer uma relação de poder, como no caso do patriarcado.

Mauss (1988) observou que esse contínuo processo de prestações e contraprestações de serviços entre os membros dessas sociedades se dava majoritariamente de forma voluntária e através de presentes, sendo uma transação aparentemente unilateral sem expectativa de contrapartida imediata e equivalente. Contudo, o processo de troca de presentes, ou dádivas por assim dizer, acabava sendo rigorosamente obrigatório, pois seu não cumprimento poderia gerar conflitos sociais, ao considerarmos que nenhum presente era dado de maneira gratuita (Graeber, 2014). A Dádiva não retribuída torna inferior aquele que a aceitou, sobretudo quando é recebida sem o sentimento ou expectativa de retorno.

Mauss (1988) destaca que enquanto a lógica do mercado funciona pela equivalência, em um movimento de “dar-pagar”, na dádiva a lógica se baseia na troca desigual, onde os bens não têm valor igual na doação e na retribuição. O valor mais importante é o relacional, o



que gera o vínculo da dívida e das relações continuadas. Diferentemente do mercado, a dívida opera através de um movimento de “dar-receber-retribuir”.

4. Percurso Metodológico

O entendimento da organização social e produtiva da comunidade Noiva do Cordeiro é de difícil apreensão, já que sociedades são objetos complexos de serem sistematizados. Dessa forma, a etnografia se mostrou o método mais apropriado para entender de perto essa realidade. Durante a permanência na comunidade, foi necessário orientar-se pelos maiores distanciamentos e aproximações entre as duas lógicas e realidades, observando suas tradições próprias, seu sistema produtivo, e as interações econômicas por trás dessa dinâmica.

No decorrer da pesquisa, a interação com os membros foi ocorrendo de maneira gradual, dados a participação e o acompanhamento de cada um dos grupos responsáveis pelas atividades principais da comunidade. Dessa forma, além de conhecer as dinâmicas econômicas, foi possível conhecer todos os membros envolvidos ativamente nessas dinâmicas. As abordagens para coleta de dados foram sempre informais, evitando entrevistas com os membros da comunidade. Como habitual em etnografias, a ferramenta principal de registro de dados foi o diário de campo, armazenando observações sobre as situações vividas. Clifford e Gonçalves (2011) destaca que a participação do etnógrafo nas atividades serve para que, além de uma maior aceitação do grupo, o pesquisador possa ter um maior entendimento sobre o mesmo.

A permanência na comunidade iniciou em Julho de 2017 e se estendeu por três meses. Com exceção dos momentos de escrita, que geralmente ocorriam à noite, todo o resto do tempo era dedicado à vida coletiva e às atividades desenvolvidas na comunidade. Em momentos muito específicos, conversas mais formais eram desenvolvidas com personagens chave do processo de mudança. Durante os períodos de convivência, o acesso à conduta e ao comportamento dos indivíduos foi bastante limitado. Cada família possui sua própria realidade, desafios e preocupações, e como não compunham os objetivos dessa pesquisa conhecer o cotidiano individual das famílias, mas sim o coletivo, pouco exploramos as dinâmicas familiares tradicionais.

As análises principais se deram de maneira teórica, em que a partir das categorias previamente estudadas, são realizadas abstrações acerca da vivência e atribuições de sentido a muitas das dinâmicas observadas. Angrosino (2009) descreve que a (1) análise descritiva e a (2) análise teórica são as mais utilizadas durante a pesquisa etnográfica. A análise descritiva diz respeito ao processo de decomposição das informações e falas coletadas em elementos que possam possibilitar a identificação de padrões e convergências quanto ao comportamento, opiniões e demais características centrais do grupo. O processo de análise teórica, por outro lado, compreende no estabelecimento de relações entre os dados coletados e a literatura já existente, sendo o processo de descobrir como cada parte dos padrões encontrados no campo se aproxima nas categorias teóricas, contestando definições já existentes ou agregando novas contribuições a achados semelhantes em outros estudos. Por fim, a etapa de afastamento se deu de forma gradual, já que mesmo após coletados os dados, foram mantidos contatos e realizadas três visitas à comunidade.

5. Relato Etnográfico

Noiva do Cordeiro foi fundada em 1891 por Maria Senhorinha de Lima e seu segundo marido, Francisco Fernandes. Incomum à época, Senhorinha largou um casamento arranjado e junto com Francisco foi viver em um terreno mais afastado, herdado pelo marido, onde a comunidade se formou. O terreno se localiza no interior de Minas Gerais, em uma zona rural chamada de região de “Cordeiros”, acerca de 100 km da capital mineira e 16 km da cidade mais próxima, Belo Vale. A comunidade tem aproximadamente vinte hectares e se posiciona como uma das comunidades mais afastadas da área urbana do município.



Em seu início, dois pontos de inflexão marcaram a comunidade. O primeiro deles diz respeito à localização geograficamente isolada do terreno em relação a outras cidades. O segundo tem um pano de fundo religioso, uma vez que ao abandonar seu primeiro marido, Maria Senhorinha passou a ser considerada adúltera pelos povoados do entorno – católicos, em sua maioria. Situação essa que se agravou quando o padre de umas das comunidades existentes à época excomungou o casal e suas próximas quatro gerações, intensificando o isolamento da família em relação aos vizinhos e comunidades do entorno.

Maria Senhorinha Francisco tiveram nove filhos. Dentre esses, dois acabaram tendo papéis fundamentais na formação da atual comunidade Noiva do Cordeiro: Francisco Fernandes Filho e Maria Matusinha. Esses dois filhos do casal foram os únicos a não dividirem suas terras, e acabaram por serem também os únicos a permanecerem no local com suas famílias. Francisco Fernandes Filho já é falecido, tendo deixado doze filhos, incluindo Delina Fernandes, hoje matriarca da comunidade.

O terreno da comunidade é posse desses dois filhos, que resolveram não desfazer de suas terras. Como nunca foi inventariado, o terreno ainda hoje pertence à Maria Matusinha e ao seu falecido irmão Chico, e por esse motivo, a maioria dos atuais moradores da comunidade possui algum direito sobre a propriedade. De qualquer modo, as questões de direito de posse da propriedade não vêm sendo motivo de conflito entre esses herdeiros, pois viram na situação uma oportunidade para o uso coletivo da propriedade e de seus recursos, servindo atualmente de moradia para mais de trezentos membros, descendentes diretos e indiretos do casal fundador. Devido ao intenso número de casamentos entre as próprias famílias, a população se tornou fortemente homogênea, e hoje seus membros possuem, quase que integralmente, os mesmos antepassados.

Delina Fernandes, filha de Chico e neta de Maria Senhorinha, também figura como personagem de extrema importância na história da comunidade Noiva do Cordeiro. Nascida em 1948, vivia com seus pais na atual propriedade da comunidade. Em sua juventude, aos 14 anos, aceitou se casar com Anísio, um pastor recém chegado na região. Pastor Anísio, como era conhecido por todos, foi o fundador de sua própria igreja evangélica, a igreja “Noiva do Cordeiro”. A religião criada por Anísio, hoje vista pelos membros da comunidade como extremamente rígida e restritiva, passou a ser seguida por praticamente todos os habitantes da comunidade. Dentre as muitas exigências feitas aos membros estavam o não controle de natalidade, o controle no estilo de vestuário, a proibição de músicas, os jejuns obrigatórios, a proibição de corte de cabelo feminino, dentre outras. A impossibilidade de trabalhos externos às comunidades fez com que tanto a família de Delina, quanto seus irmãos e demais familiares comesçassem a se ver em péssimas condições de vida, tanto sociais, quanto laborais. Somado a isso, os habitantes das comunidades vizinhas, ainda predominantemente católicos, passaram a ver a comunidade com mais ressalva, agora movidos por diferenças no pensamento religioso.

Poucos anos antes do falecimento de Anísio, em 1995, Delina abandonou a religião, fazendo com que a maior parte da comunidade também tomasse a mesma decisão. Delina então usou dessa autoridade legítima para estimular um comportamento recíproco entre os membros de sua família. Dentre as iniciativas para encontrar soluções para os problemas enfrentados, destaca-se a disseminação de uma lógica de vivência e consumo coletivos, para a qual foram chamadas de volta à comunidade os núcleos familiares que enfrentavam dificuldades financeiras nas cidades, dividindo o pouco que ainda conseguiam produzir de alimento no local.

Com a volta dessas famílias, em 1998, as famílias começaram a unir suas produções, suas hortas, seus trabalhos de costura, e todo o serviço de infraestrutura. Com o uso de linhas de financiamento do governo, a comunidade adquiriu terras para plantios coletivos para consumo, bem como para a produção de pimenta biquinho em larga escala, principal produto



comercializado pela comunidade. Ademais, o trabalho externo, exercido majoritariamente pelos homens da comunidade, passou a representar importante fonte de renda para a compra de materiais e recursos produtivos, enquanto o trabalho rural, o trabalho manufaturado, e a organização da comunidade ficaram a cargo dos demais membros, mulheres em sua maioria. A produção agrícola se tornou conjunta e responsabilidade de todas as famílias, de modo que, do preparo à colheita, tudo fosse produzido e distribuído comunitariamente. Outras formas de produção coletiva foram criadas, profissionais de costura se uniram sob uma mesma produção destinada ao consumo interno e comercialização, dando origem à “fábrica”, que atualmente destina-se à produção de itens para o mercado de *pet shops*.

Para além da produção e distribuição comunal, outros arranjos proporcionaram o fortalecimento da lógica coletiva da comunidade, como a associação criada pelos moradores, que se configura na instância onde todas as decisões são tomadas por consulta coletiva, além de atuar na captação de recursos que são revertidos em benefícios diretos para a comunidade, e no apoio aos membros em diversas esferas. Da associação surgiram os grupos responsáveis pelo contato com instituições privadas, governos, mercados e fornecedores, e, desse contato, as conquistas dos meios produtivos necessários a uma produção conjunta. Além disso, destaca-se a representação política, na qual uma moradora da comunidade, filha de Dona Delina, é vereadora do município de Belo Vale.

A comunidade conta também com uma escola, na qual atuam moradores da comunidade com formação nas áreas de educação. Além do currículo regular, a escola conta com aulas sobre a história da comunidade, dança, música e teatro. As construções e bem-feitorias, ou qualquer outra atividade que seja mais bem executada com um maior número de membros, é suprida com a formação de um mutirão de trabalho, no qual todos os membros disponíveis se envolvem. Os mutirões são comuns na construção civil, na produção agrícola, na produção manufaturada, e em outras atividades esporádicas. Esse traço característico do trabalho na comunidade vem ao encontro do sentimento de reciprocidade, descrito por Polanyi (2012), como sendo uma das maneiras de se efetivar interações econômicas não financeiras.

5.1 Sistema normativo, coesão e coerção de condutas

Uma forte característica no sistema econômico da comunidade é a organização dos processos, mesmo na ausência de um sistema normativo formal. As decisões são tomadas segundo as necessidades comunitárias através de assembleias frequentes. O grupo delibera informalmente os mais diferentes temas e as áreas se responsabilizam pela implementação das decisões. Os temas discutidos em assembleia são diversos e englobam principalmente os aspectos produtivos e políticos da comunidade.

Apesar da organização nos processos, com exceção do estatuto que rege as normas do trabalho associado, tido como proforma pelos membros e criado somente para a obtenção de recursos, a comunidade não possui nenhum documento escrito contendo regras ou indicativos de condutas adequadas. Ninguém é formalmente obrigado a nada, todavia, os vínculos agem sobre todos os que ali vivem, guiam os comportamentos e impõem limites morais às condutas. Isso se materializa no padrão dos discursos e dos comportamentos, das crianças aos idosos.

Mauss (1988) destaca que a criação e manutenção de vínculos sociais dessa natureza podem ser fortemente atribuídas ao valor e ao significado que são dados às relações sociais. Existe um simbolismo em torno da vida social que garante implicitamente uma obrigação moral entre indivíduos, que de alguma forma, estabelecem relações e trocam dádivas. Segundo o autor, as trocas de presentes, de amabilidades e favores, sem contrapartidas ou equivalências exigidas de imediato, estabeleceriam entre os participantes um amplo e duradouro contrato social.

Ao estabelecer e fortalecer historicamente uma constante troca de dádivas, a comunidade logrou a construção de um sistema de prestações e contraprestações de favores e



ações voluntárias que agem na manutenção dos vínculos entre os envolvidos no sistema. São esses vínculos que garantem não só a sobrevivência do sistema, como também a reprodução da lógica entre todos que de alguma forma o integram ou interagem nele.

Os vínculos estabelecidos e fortalecidos por cada pequena dádiva trocada durante os processos de integração geram em todos os indivíduos da comunidade a sensação pessoal de débito e de crédito com todos que ali vivem. Essa sensação dupla de ter que retribuir tudo o que se recebe do sistema, mas ao mesmo tempo de se sentir merecedor de dádivas, que aos poucos são retornadas, faz com que cada vínculo pessoal com a comunidade seja extremamente forte.

Esse comportamento coeso e padronizado surgiu somente no fim da década de 1990, em paralelo às mudanças na lógica produtiva, ou seja, houve uma mudança comportamental induzida por um discurso coletivista, originário de um grupo de indivíduos que possuíam influência e autoridade em meio ao grupo, e que acabou por se reproduzir até a quase totalidade dos indivíduos, alterando a conduta e as ações individuais.

O sistema econômico com o nível de coesão comportamental encontrado existe, também, em razão das forças coercitivas que também acabam por agir em meio ao grupo. A ausência de normas formais não retira do grupo a capacidade de inibir potenciais desvios nas condutas e nos discursos. Para Mauss (1988), a dívida social seria tanto a garantidora dos vínculos comunitários quanto a causadora da quebra desse vínculo. No processo contínuo de dar-receber-retribuir, a não retribuição gera um descontentamento social que interfere no pertencimento do indivíduo. Na relação de dádiva, o indivíduo não é formalmente obrigado a nada, mas moralmente é compelido a retribuir as dádivas recebidas. Quem recebe dádivas e não as retorna de alguma forma pode sofrer sanções sociais, se sentir excluído, e até perder seu vínculo com o todo.

Por outro lado, a participação intensa no sistema de dádivas gera muitos benefícios ao indivíduo, que percebe seu pertencimento aumentar e seus vínculos com o todo se fortalecerem. A imagem que alguns membros específicos – como Delina e sua filha Rosalee – possuem de “credores” do sistema é perceptível, tendo origem nas contribuições passadas desses membros para a comunidade – no caso de Delina, em todas as suas ações de formação da comunidade, e no caso de Rosalee, principalmente por seus esforços na política e na conquista da fábrica e do financiamento da terra de plantio.

O sentimento de dívida em relação aos personagens principais da história da comunidade é um dos responsáveis pelo estímulo ao trabalho e à manutenção das atividades coletivas, já que nenhum membro quer se sentir em dívida com os demais. Dessa forma, todos buscam manter suas contribuições em novas dádivas, seja através de seu trabalho, de presentes ou de gestos fraternais, na tentativa de não se sentirem presos a essa dívida social. Acreditamos que esse seja um dos grandes motivos pelos quais o processo de êxodo rural foi freado. O abandono da comunidade em busca de novas oportunidades e sonhos, além de não ser interessante por conta dos muitos benefícios que ali são providos, pode ser considerado um abandono da lógica comunitária, um afastamento dos princípios da família, e consequentemente, o enfraquecimento dos vínculos com o todo.

Os vínculos observados entre os membros da comunidade vêm não só das dádivas ou dos princípios instaurados em meio ao grupo, mas também de aspectos mais compreensíveis, como vínculos familiares, vínculos de vizinhança e vínculos de se compartilhar propriedade. Esses, somados aos aspectos da dádiva e aos princípios de todos, é o que define o amor como palavra central no discurso dos membros, gerando o anseio de permanência e de contribuição na reprodução do sistema.

Um sistema de dádivas se baseia na intensidade do sentimento de solidariedade e no cuidado com o próximo. Nesses aspectos, a comunidade Noiva do Cordeiro conta com dinâmicas próprias de auxílio dos membros e de fortalecimento dos vínculos sociais. A



começar pelos cuidados com as crianças, existe uma escala de mães e mulheres solteiras que cuidam de todas as crianças que não estão no período de aulas. Os idosos também recebem atenção especial, aqueles que precisam de maiores cuidados são ajudados pelos jovens que se revezam para fazerem companhia e dormirem juntos quando necessário. O mesmo é feito com algum membro enfermo ou que necessite de maiores cuidados, seja em casa, em algum hospital ou em qualquer outro lugar.

Os cuidados da comunidade com seus visitantes também devem ser destacados, sendo algo institucionalizado e bem aceito por todos. Mauss (1988) assevera que o recebimento de visitas é algo de grande importância em sistemas inspirados nos aspectos da dádiva. Segundo o autor, é comum que no recebimento de visitas se ofereça o que há de melhor. O tratamento dado aos visitantes costumava ser bem superior ao próprio cotidiano local, pois havia o entendimento de que esforços não deveriam ser poupados nessas circunstâncias. A dádiva se estabelece no nível coletivo, e apresentar coesão e solidariedade do grupo em relação ao outro se mostra ponto chave no estabelecimento de alianças da comunidade com seu meio.

Na comunidade Noiva do Cordeiro é possível identificar inúmeras alianças que se formaram através desse tipo de relação. Policiais, advogados, políticos, repórteres, estudiosos, professores, empresários e muitos outros “contatos” foram construídos através da amizade e da redistribuição, frutos do diferenciado tratamento que é dado a todos que ali chegam para diferentes propósitos. É notório o número de alianças construídas, e em momentos de necessidade esses contatos são retomados para que as mesmas sejam supridas.

5.2 Sistemas de Produção e Circulação de Bens na Comunidade

O processo de troca de dádivas incide de maneira direta na organização de produção da comunidade, se aproximando das ideias de Economia Substantiva em Polanyi (2012) em muitos aspectos. A comunidade tem conseguido manter suas próprias relações de trabalho e de distribuição, garantindo seu crescimento e contínuas melhorias na qualidade de vida de seus membros. Seu sistema econômico se diferencia de demais modos produtivos da atualidade justamente por conta dos arranjos sociais muito próprios que se desenvolveram na comunidade com o passar dos anos. O reconhecimento no trabalho, o relativo distanciamento das operações de mercado, o fortalecimento da identidade e a formação dos jovens, e principalmente os mecanismos de coesão e de coerção de condutas, são algumas das formas de se observar aspectos da sobrevivência e reprodução desse sistema.

Dentro da comunidade todo o trabalho se dá sem monetarização, de forma voluntária, ou seja, sem remuneração fixa sobre o trabalho. A renda proveniente dessas atividades é revertida em melhorias da própria comunidade, como na casa mãe, e nas demais compras de consumo coletivo. A participação nas atividades não é obrigatória e nem formal. Muitos indivíduos, por diversas razões, não participam fixamente de nenhum trabalho coletivo, seja por conta da idade, da saúde, ou por viverem fora da comunidade. Mesmo assim, os resultados do trabalho são de uso de toda a comunidade, mesmo por aqueles que estão impossibilitados ao trabalho. Alimentação, moradia e lazer são garantidos a todos, dos mais envolvidos aos menos envolvidos nos trabalhos.

A alimentação se dá, em sua maior parte, de forma comunal. Apesar da existência de muitas casas no entorno da casa mãe, poucas delas preparam suas próprias refeições. A gestão dos recursos da comunidade é feita também com certa autonomia através de centros que coordenam as atividades das áreas. Cada uma das áreas de trabalho possui um responsável pelas receitas e despesas das atividades, como também é responsável pelo controle de demanda de mão de obra, pedindo auxílio de qualquer natureza a outras áreas quando necessário.

O trabalhador na comunidade possui responsabilidades muito bem definidas pelos grupos de trabalho, e cada indivíduo tem noção do seu papel e da sua responsabilidade no funcionamento do todo, já que ele mesmo define grande parte de suas responsabilidades.



Sobre a distribuição das atividades, estas se baseiam principalmente nas habilidades e vontades das pessoas, sendo divididas segundo demandas, e organizadas através de pequenas escalas montadas em grupo, ou através do *WhatsApp*, principal meio de comunicação entre os membros.

As rendas obtidas individualmente no trabalho externo ficam sob o controle das próprias famílias, porém, como não há gastos significativos no cotidiano da comunidade, essa renda acaba passando por um processo de redistribuição mediante as demandas da comunidade ou dos membros que não possuem renda fixa. Embora cada indivíduo seja responsável por sua própria renda, o uso da mesma na comunidade é quase desnecessário.

Outra forma de ler o processo de centralização e de redistribuição na comunidade se dá através da circulação de moeda dentro da mesma. O uso de moeda e as trocas financeiras são limitados a três estruturas – supermercado, centro de lazer e lojinha de produtos da comunidade – regidas pelos conceitos tradicionais de mercado. Entretanto, o lucro gerado nessas estruturas advém dos recursos financeiros conquistados pelos trabalhos externos e pelas famílias em geral, que posteriormente é destinado ao financiamento da própria comunidade.

Dentre as formas de uso desse lucro, cabe destacar o pagamento mensal de parcelas dos financiamentos adquiridos para investimentos na própria produção coletiva. O restante dos recursos centralizados é destinado segundo novas demandas, como reformas e construções de novas estruturas na escola para o recebimento do ensino médio; a compra de itens de necessidades básicas para as casas coletivas; a contribuição nas vaquinhas mais importantes como na construção de novas casas.

Os exemplos elucidados se aproximam do que Polanyi (2012) define como a redistribuição que está ligada ao reconhecimento de um centro bem estabelecido para onde os recursos são destinados para sua posterior distribuição. As “vaquinhas”, além de representarem o próprio movimento de redistribuição, ainda podem ser consideradas como estruturas de apoio para que esta operação ocorra de maneira coordenada e justa. A justiça, nesse caso, também é simbólica, cabendo a cada membro a decisão de solicitar ou não a ajuda, e dos demais em participar ou não do processo.

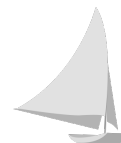
6. Considerações Finais

Ao tomarmos como objeto a organização da comunidade Noiva do Cordeiro, buscamos descrever a estrutura social que sustenta um modo de produção e de vida muito além das dimensões estritamente econômicas. Ademais, o sentido de família impregnado na comunidade, em particular pelo exemplo solidariedade e afeto de Dona Delina, matriarca da comunidade, foram fundamentais nesse processo, uma vez que os exemplos de comportamento e ação coletiva são compartilhados entre todos os membros.

As relações de parentesco e de vizinhança incentivam uma forte cultura de integrações econômicas não financeiras, que implica de maneira direta na capacidade de gerar fortes vínculos entre os participantes do sistema. Esses vínculos são fortalecidos por conta de uma sólida identidade coletiva e pela reafirmação constante dessa identidade.

A falta de formalização quanto ao trabalho indica a pouca preocupação da comunidade em definir a participação de cada indivíduo nas atividades. A ausência de obrigatoriedade estimula o trabalho em grupo através de um sentimento constante de reciprocidade e de retorno do esforço e do trabalho despendido. Sua organização e participação são garantidas através de mecanismos sociais, muito relacionados à sensação de pertencimento. O caráter coletivista e a reprodução de condutas complementares da comunidade inibem comportamentos individualistas, bem como afasta parte significativa das características das sociedades capitalistas.

Todavia, esse afastamento não apresenta um confronto deliberado à lógica do próprio capitalismo e da representação política que o sustenta. A partir de um processo de decisão



coletiva, a comunidade define sua representação política, recorre a financiamentos e prospecta negócios com outras organizações, contudo, sem abrir mão de uma lógica que mantém o equilíbrio social e os vínculos de troca.

As relações estabelecidas se tornam fundamentais para a manutenção da estrutura social da comunidade, sem necessariamente romperem com o aparato formal do Estado e da economia. A autonomia encontrada não se apresenta sob risco, em razão do que Scott (2010) destacou que essa autonomia – que para o autor seria um espaço sem a presença do Estado, algo inviável em razão da tecnologia pulverizar o distanciamento no estado moderno. Ao contrário, se faz presente quando a representação política é tomada como um caminho para manter os pilares centrais da coesão social.

Não negando a lógica capitalista, mas aproveitando de sua estrutura para a disseminação de sua própria lógica produtiva, a comunidade Noiva do Cordeiro se mostra como um caso singular a ser explorado. Sobretudo, por tomar a organização econômica e a divisão do trabalho como potencializadores das relações sociais através das trocas, ao invés de se caracterizar como organização dos arranjos produtivos para acumulação. Suas práticas e exemplos podem ser de grande valor para o contexto dos estudos organizacionais, bem como, alternativas de produção e de distribuição de bens na atual conjuntura econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angrosino, M. V (2009). *Etnografia e Observação participante*. Porto Alegre: Penso.
- Carrier, J. (1991). Gifts, commodities, and social relations: a Maussian view of exchange. *Sociological Forum*, 6(1), p. 119-136.
- Clifford, J.; Gonçalves, J. R. S. (2011). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Elder-Vass, D. (2015). Free gifts and positional gifts: beyond exchange. *European Journal of Social Theory*, 18(4), p. 1-18.
- Federici, S. (2012). *Revolution at point zero: housework, reproduction, and feminist struggle*. Oakland: PM Press.
- Godbout, J. T. (1998). Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 13(38), p. 39-51.
- Graeber, D. (2014). On the Noral Grounds of Economic Relations: a Maussian approach. *Journal of Classical Sociology*, 14(1), p. 65-77.
- Machado, N. M. C. (2012). Karl Polanyi e o “Grande Debate” entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica. *Economia e Sociedade*, 21(1), p.
- Machado, N. M. C. (2009). *Sociedade vs. Mercado: notas sobre o pensamento econômico de Karl Polanyi*. 2009. (Dissertação de Mestrado) Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Martins, P. H. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, p. 45-66.
- Mauss, M. (1981). *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva.
- Mauss, M. (1988). *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Polanyi, K. (2000). *A grande Transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus.
- Polanyi, K. (2012). *A subsistência do homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- Schneider, S.; Escher, F. (2011). A Contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. *Sociologias*, 13(27), p. 180-219.
- Scott, J. (2010). *The art of not being governed: an anarchist history of upland Southeast Asia*. New Haven: Yale University Press.